

“EU LUTO CONTRA O RACISMO RELIGIOSO E CONTRA O RACISMO AMBIENTAL”

Jôice Cleide Santiago dos Santos

• Por Maryuri Mora Grisales •

Jôice Cleide Santiago era a única mulher negra e candomblecista da convergência **Fé no Clima** realizada no Rio de Janeiro. Ela era minoria religiosa em um encontro que, embora com o intuito de ser inter-religioso, terminou sendo majoritariamente cristão.

É de Salvador, mas atualmente mora em Lauro de Freitas – Bahia. Formada em serviço social, também é tecnóloga em redução de danos. Ela se apresenta como candomblecista da Nação Keto, filha do *Ilê Asé Opô Alafunbí*, “Sou *Iaô de Oyá*, na minha religião uma criança, uma pessoa muito nova, mas a cada dia que descubro e vivo, essa religião me empodera como mulher e me faz ter esperança de um futuro melhor. Sou mãe da Julyana *Omi*, também iniciada no candomblé (Juliana das águas) e companheira de um rapaz incrível, filho de Xango. Uma família ligada à espiritualidade”.

Atualmente trabalha como artesã, com bijuteria ligada à religião de matriz africana. “Meu trabalho atual é uma forma de lutar contra os estereótipos e fortalecer a beleza e a magia da religião de matriz africana, meu povo”. Mas é através da sua experiência com a religião e o trabalho desenvolvido com as mulheres Quilombolas que ela analisa a relação entre racismo ambiental, religião e a situação das mulheres negras.

No ano passado (2016) Jôice trabalhou diretamente com mulheres de três comunidades quilombolas e com 15 indiretamente, no Projeto Comércio com Identidade desenvolvido

na Bahia por *Koinonia*. *Koinonia* Presença Ecológica e Serviço é uma organização com atuação nacional e internacional, uma entidade de serviço sem fins lucrativos composta por pessoas de diferentes tradições religiosas. O objetivo principal de *Koinonia* é mobilizar a solidariedade e prestar serviços a grupos histórica e culturalmente vulneráveis em processo de emancipação social e política.

“Se pensarmos que na cidade está ruim, quando você chega nessas comunidades [quilombolas] é mais claro que o patriarcado e o racismo estão lá” afirma. Joice trabalhou com as mulheres quilombolas em Camamu (município brasileiro localizado na Costa do Dendê, litoral sul do estado da Bahia). O seu trabalho consistia em formação temática –



Identidades racial, gênero, economia solidaria e feminista, políticas públicas e INCRA (que é o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária encarregado no Brasil de administrar as terras públicas e responsável pela demarcação e titulação de territórios quilombolas).

A palavra “quilombo” é de origem *Bantu* e significa “acampamento guerreiro”. Os quilombos eram constituídos majoritariamente por pessoas negras que sobreviveram como escravas nas fazendas e que se refugiaram nesses territórios para viver coletivamente. São territórios de resistência histórica, e atualmente incluem a população negra e rural que se define na relação com sua ancestralidade, com a terra e com práticas religiosas e culturas próprias.

A privatização, o desmatamento e a precarização de territórios ocupados por povos quilombolas e os povos tradicionais nas cidades urbanas ameaçam a subsistência destas comunidades e as empurram à migração, à miséria e ao esquecimento. Ela afirma que sua luta não é só contra a intolerância religiosa, mas contra o racismo ambiental, isto é, contra injustiças ambientais e sociais que recaem sempre sobre os mais vulneráveis.

O trabalho de *Koinonia* nos quilombos do Sul da Bahia visa fortalecer politicamente as comunidades negras rurais e comunidades de Povos Tradicionais através da formação, do intercâmbio de conhecimento e da incidência política. Para Joice, a importância deste trabalho é “o resgate cultural e ancestral, porque o cristianismo está entrando forte, de uma maneira extremamente agressiva nos quilombos”. Algumas coisas como banana da terra e abóbora, por exemplo, estão sendo proibidos por alguns pastores por acreditarem que estão associadas diretamente à rituais de matriz africana. Diante disto, ela declara indignada: “o problema é que nossa religião é de pretos. Não é só intolerância, é racismo!”.

Para Joice, o racismo ambiental funciona assim: “nós do candomblé precisamos de espaços sagrados para poder fazer nossas oferendas, nossos agradados a nossas divindades. Mas em determinados lugares isso não é mais possível, por causa do desmatamento para o desenvolvimento da cidade com o metrô e as estradas. Cada vez são menos as áreas verdes em Salvador. Isso reduz nosso espaço, nos deixa em locais sem contato com a natureza. As oferendas na rua são quebradas, chutadas. Se você é do candomblé e vai para um espaço fora do seu, automaticamente sofre racismo, sofre uma agressão. É como se você só pudesse sobreviver dentro dos seus territórios. Fora desse espaço não sou bem vista se sou de candomblé. Temos uma limitação de lugar, de território e de prática religiosa”.

No Projeto de *koinonia* com as mulheres de Quilombo o intuito é o fortalecimento de capacidades financeiras das mulheres, através do comércio feminino. Em Camamu, por exemplo, há muito cacau, muito cupuaçu, mas é um trabalho feito por homens – com ajuda de suas companheiras – e muitas mulheres nunca tiveram dinheiro em suas mãos. Por isso, “quando as mulheres plantam coisas em seu quintal, como coentro e tomate, e podem depois vendê-los na feira, são pequenas ações de empoderamento, permitindo a essas mulheres uma autonomia econômica, ainda que mínima. Elas passam a ter consciência de que podem cultivar e que isso pode ser uma possibilidade de renda; inclusive de que elas podem sobreviver e reger sua família sem depender do marido”, afirma.

Outro trabalho realizado por Joice junto a Koinonia e a Associação do terreiro Alafumbi é o de empoderamento das juventudes negras, principalmente as mulheres negras de comunidades de povos tradicionais em Salvador e Lauro de Freitas. Todas essas iniciativas são mais uma forma de resistência no combate ao racismo religioso e ambiental. Como ela afirma “na esperança de Orixá permitir dias melhores para todos, principalmente para povos de comunidade tradicionais. Tenho fé que Ogum fortaleça nossa caminhada, *Ogum ti onan*”.



“Este artigo é publicado sob a licença de Creative Commons Noncommercial Attribution-NoDerivatives 4.0 International License”